



SOCIABILIDADE, CÓDIGOS SOCIAIS E A REDE DE RELAÇÕES DA PRÁTICA DO SKATE EM PORTO ALEGRE/RS¹.

Marcelo Rampazzo

RESUMO

Este artigo apresenta as discussões em torno dos significados dos diversos códigos sociais presentes em uma pista de skate na cidade de Porto Alegre/RS. O esforço objetiva-se na tentativa de compreender e descrever tais códigos na sociabilidade presente no contexto da pista, e a forma pela qual os códigos sociais e as sociabilidades acabam por tecer a rede de relações dos grupos. Isso foi possível pela pesquisa etnográfica, a maneira pela qual este pesquisador adentrou em um contexto estranho, no qual também foi estranhado. Pela categorização dos diversos sujeitos observados na pista, pude descrever os espectadores, as pessoas que vivem do skate, além dos praticantes do skate. Os códigos sociais também eram presentes na utilização dos espaços da pista, e deram os contornos da sociabilidade que envolveu a disputa com o 'outro'. Houve momentos de proximidade e de rupturas na rede de relações, dados pela sociabilidade com o 'outro', e no consumo, ou, não consumo de entorpecentes. Este sendo um código social significativo na constituição da rede de relações do grupo na pista. Por fim, considero que esse contexto tornou-se um bom campo que possibilita fomentar e problematizar, algumas questões carentes a Educação Física no que diz respeito, a compreensão das sociabilidades que nem sempre são amistosas, ou homogêneas.

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidade; Códigos Sociais; Prática de Skate.

INTRODUÇÃO

A rede de sociabilidade como uma categoria teórica e empírica de compreensão do lazer urbano tem trazido contribuições para os debates nesse campo. Trabalhos como os que foram organizados por Stigger, González e Silveira (2007), Magnani e Souza (2007) oferecem uma boa amostra dessa relevância, ao apresentarem e analisarem práticas de lazer que se desenvolvem em redes de relações sociais nas quais se constituem solidaria e reciprocamente conjuntos de valores e normas particulares que orientam as práticas e as apropriações dos espaços urbanos.

É nesse contexto de discussões que este trabalho se localiza, procurando apresentar algumas análises a respeito de redes de sociabilidades de *skatistas* que se apropriam da pista do bairro IAPI, na cidade de Porto Alegre, como também reflexões sobre a experiência

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



etnográfica. Nessa pista, compreendida como um espaço urbano de lazer bastante vinculado a cultura jovem, foi possível observar sujeitos que praticam o *skate* e aqueles que apenas tomam aquele lugar como um espaço privilegiado de lazer.

O que me chamou a atenção para esse lugar e que suscita os principais pontos de análise deste trabalho foi a existência de diferentes elementos que diziam sobre a constituição das redes de sociabilidade de lazer na pista. A produção dessas redes e a forma como elas diziam sobre os significados das práticas e das apropriações, perpassam pela observação dos espectadores da pista, dos que viviam do *skate*, mas não o praticam; dos praticantes experientes e dos iniciantes; dos que aspiram ao universo profissional e dos que andam por diversão; os grupos denominados “Calças Coladas” e “Calças Largas”. Diante destas compreensões iniciais procurei problematizar neste estudo a seguinte questão: como a sociabilidade e os códigos sociais presentes na prática do *skate* configuram as redes de relações da prática do *skate* em uma pista na cidade de Porto Alegre/RS?

O objetivo deste trabalho está fundamentalmente ligado a descrição e análises de alguns desses elementos que transpassam as redes de sociabilidade e suas implicações sobre a construção de sentidos da pista como um espaço de lazer urbano apropriado de distintas maneiras. Contudo, é importante destacar que tanto as descrições como as análises estão marcadas pelo tipo de situação etnográfica por mim experimentada, isto é, a de um observador estranho, pois nunca fui praticante de *skate*. Esse aspecto não é tomado como um problema, pelo contrário, é entendido como um ponto de bastante riqueza do estudo, na medida em que a pesquisa exigiu, constantemente, um esforço de aprendizagem com diferentes interlocutores, na expectativa de compreender as práticas sociais e suas apropriações no contexto da pista de *skate*.

Pesquisar na pista significou, portanto, entrar na pista num sentido simbólico, o que está diretamente relacionado a algumas redes de sociabilidade em suas aproximações e distanciamentos descritos ao longo do trabalho. Essa entrada não significava tornar-se um nativo, mas mapear e entender um pouco das redes de sociabilidade, e os códigos sociais que acabam por delinear os contornos das sociabilidades presentes na pista de *skate*.

ASPECTOS METODOLÓGICO-ETNOGRÁFICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa se desenvolveu, entre julho/2011 e março/2012, na pista pública de *skate* do bairro IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários), em Porto



Alegre. Nesse período-lugar realizei observações não participantes e, sobre cada imersão, produzi um diário de campo. Ao todo, escrevi 70 diários de campo (DC), somando mais de 200 horas de observação direta. Nos diários, procurei seguir o que Rocha e Eckert (2008) e também Winkin (1998) propuseram: o diário de campo para além de um espaço de relato e de escrita. Isso quer dizer que nesse período de nove meses, foi possível superar minhas limitações cognitivas iniciais, necessitei reconhecer as diferenças, ao longo do processo de investigação, a fim de apreender a totalidade da pista e dos sujeitos daquele contexto.

Foi perceptível, ao longo do tempo, pela sistematização das observações, que os finais de semana e feriados evidenciam-se como dias propícios para a observação, já que o público que procura a pista se concentra em maior número nesses dias. Somente a partir da proximidade com os jovens autodenominados “Calças Coladas” reconheci o seu 'outro' na pista: os “Calças Largas”. Isso, além de permitir descrever as diversas formas de relações, proporcionou categorizações decorrentes dessa aproximação.

Entre pressupostos que pautaram a pesquisa, estão a totalidade e a reflexividade. No que se refere a noção de totalidade, consegui, minimamente, tornar inteligível um contexto estranho, e no qual também fui estranho aos diversos sujeitos. “A totalidade não constitui um recorte empírico, é mais um pressuposto, uma condição da pesquisa, mas pode se apresentar e desdobrar na forma de arranjos identificáveis que permitem descrever alianças, *links*, redes” (MAGNANI, 2009, p.152, destaque do próprio autor).

Frente a isso, procurei tornar meu trabalho de campo inteligível pela “descrição densa” proposta por Geertz (1989), que, em linhas gerais, explica que não são as técnicas e os processos de coleta e de produção de dados que determinam ou caracterizam uma etnografia, mas sim o esforço intelectual que este tipo de pesquisa qualitativa representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”.

Já a reflexividade me fez perceber que ser estranho a aquele contexto, já que nunca havia praticado aquela modalidade esportiva não poderia fingir (simular, copiar, ou imitar) os praticantes do *skate*. Na pista, o papel assumido foi ser o pesquisador. Sem assumir qualquer outro papel, isso possibilitou perceber os contrastes sociais, como as disputas, as aproximações e os distanciamentos, entre os diversos frequentadores na pista.

A fim de cobrir as possíveis lacunas deixadas pela observação direta, recorri a realização de duas entrevistas semiestruturadas, uma delas com o patrocinador do grupo, e a outra sendo coletiva, com a participação dos jovens, na condição de grupo (“Calças



Coladas"). Por fim, com o intuito de preservar as identidades dos colaboradores na pesquisa, adotei nomes fictícios a todos, exceto do próprio pesquisador.

SOCIABILIDADE A E CATEGORIZAÇÃO DOS SUJEITOS NA PISTA DE *SKATE*

Com a pesquisa procurei definir cada uma das categorias de sujeitos que frequentam a pista, era dada pela sociabilidade na forma que cada conjunto de sujeitos que conferiam sentido a pista e ao *skate* possibilitando assim, tais classificações. Procuo deixar claro que são denominações por vezes nativas, mas todas subsidiadas a partir de uma perspectiva acadêmica, contrastando as observações diretas, com as sociabilidades e os códigos sociais envolvidos nas diferentes relações entre os diferentes sujeitos. Produzi assim, três classificações dos sujeitos: (1) espectadores; (2) pessoas que vivem do *skate* (comerciantes); (3) praticantes de *skate*.

Espectadores eram formados geralmente por pais, mães e/ou avós (adultos) que traziam seus filhos a pista, ficam a cuidá-los, observá-los. Sentam-se nos muros ou traziam cadeiras dobráveis. Recorrentemente, observei os espectadores portando cuias e erva-mate para chimarrão (ação mais recorrente no inverno), algo muito recorrente no estado do Rio Grande do Sul.

Não menos recorrente, nesse tipo de sociabilidade incluíam-se também os consumidores de maconha, utilizada entre amigos, casais e *motoboys*, além de alguns praticantes de *skate* e outros transeuntes. Incluídos entre os espectadores também havia funcionários de um supermercado, próximo a pista, identificados pelos uniformes de trabalho, acredito que aproveitam o tempo de intervalo para desfrutar da vista da pista, e compartilhar algumas das sociabilidades próprias da pista de *skate*.

Os espectadores ficam apenas nesta condição. Poucos adentram a pista, ou se envolviam nas disputas ocorridas na pista, e também poucos reconheciam os êxitos dos praticantes de *skate*. Porém, isso se altera em dias de competições e, eventos, nos quais parecia haver maior aceitabilidade para que os espectadores adentrem na pista, a fim de apreciar mais de perto as competições e os consumos (música, bebidas, sorteios de brindes, etc.) que ocorriam naqueles dias específicos.

As pessoas que vivem do *skate*, mas que não necessariamente andam ou praticam *skate*. Tomo essa expressão de empréstimo de Bastos (2006), que realizou uma pesquisa etnográfica com *skatistas* que vivem do *skate*, competindo em um circuito profissional de



skate, delineando assim um estilo de vida daqueles que “estão no corre”. Assim, aqueles que vivem do *skate*, no meu contexto de pesquisa, eram os comerciantes, que por vezes estão durante a semana na pista, mas apareciam intensamente aos finais de semana.

Como exemplos dos comerciantes do *skate* encontrei a família que em uma *Van*, vendia cachorros-quentes, refrigerantes e outros produtos comestíveis. Outro sujeito, o “Tio dos bolinhos²”, concorrente daquela família, cujo comércio é legalizado, constantemente burlava a fiscalização, voltava a pista e vendia seus produtos durante os dias de semana, já que a família da *Van* comercializa seus produtos apenas aos finais de semana.

Também encontrei aqueles que viviam do *skate*, mas que tinham um comércio voltado para o mercado do *skate*, com venda de peças (*shapes*³, rodinhas, rolamentos, *trucks*⁴ etc.) e acessórios (bonés, camisetas, tênis etc). Estes comerciantes em específico deixam seus produtos expostos nos muros do entorno da pista, na escadaria. Especificamente, cada um destes comerciantes de produtos voltados para o *skate* é de uma loja em particular, e distinta em relação as outras.

Cada local de exposição de produtos era um “ponto de venda”. Isso fazia com que o público consumidor fosse característico, e procuram se filiar a imagem de uma ou de outra loja. Estas, por conseguinte, procuram filiar os praticantes por patrocínios a alguns *skatistas*, formando o que eles chamam de “times” ou “equipes”.

Por fim, a última categorização de sujeitos que encontrei na pista foram os praticantes de *skate*. Diferentes praticantes se encontram em diferentes grupos, mas havia ainda, por exemplo, casos de praticantes que chegam a pista, praticam o *skate* e iam embora, com mínimo contato, ou até mesmo, sem qualquer tipo de contato mais próximo com qualquer outro praticante, ou qualquer um dos diferentes grupos. Com isso, interpretei que a pista também desempenha de certa forma uma função utilitarista, por parte de alguns dos sujeitos que a frequentam. Entretanto, meu foco ficou voltado aos sujeitos que praticam o *skate* na pista, mas objetivamente aos que conferiam sentido a ela, além da participação e significação das disputas dos diversos significados que envolviam a prática do *skate* naquele contexto.

² O senhor que vendia bolinhos e suco feitos por sua esposa. Após uma denúncia aos fiscais da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio (SMIC/Porto Alegre), por parte da senhora que trabalha na *Van*, teve suas mercadorias apreendidas.

³ Tábua do *skate*, onde é colocada a lixa em sua parte superior, para o praticante apoiar os pés.

⁴ Eixo do *skate* fixado na parte inferior da tábua, e onde são colocados os rolamentos e as rodinhas.



Da mesma forma como Bastos (2006 p.68) compreendeu, entendo que “nenhum *skatista* pode ser mais *skatista* que outro, mas podem ser diferentes”. No âmbito dessas diferenças, pude fazer uma subcategorização dos sujeitos que frequentam a pista: os pertencentes, e os esporádicos na pista. Os pertencentes eram os praticantes que, de alguma forma, remetiam ou significam o “pertencimento e estabelecimento de fronteiras” (MAGNANI, 2002, p.25).

Entre os pertencentes, encontrei alguns *skatistas* profissionais (vivem do *skate*, BASTOS, 2006), que ganham notoriedade principalmente em dias de eventos, através dos quais se autopromovem, divulgam seus patrocinadores e equipamentos de seu *skate* (*shape*, rodinhas, lixas, tênis etc.). Contudo, esses sujeitos pouco se faziam presentes aos finais de semana, encontram-se na pista principalmente nas manhãs de segundas e terças-feiras.

Os *skatistas* mais recorrentes na pista, por assim dizer, eram os que aspiram a profissionalização (amadores - BASTOS, 2006), como alguns dos jovens que acompanhei faziam-se presentes quase diariamente. A distinção entre os praticantes (profissionais e amadores) dava-se em dias de evento, já que, no dia a dia na pista não havia qualquer rotação, ou, identificação que estabelecesse diferença entre um e outro.

Logo os praticantes esporádicos, pouco se envolviam nas disputas, alguns podiam conhecer os praticantes pertencentes a pista, mas eram vindos de outros espaços sociais, como: colegas de escola ou trabalho, vizinhos de bairro, ou ainda, *skatistas* vindos de outras pistas da cidade de Porto Alegre e de sua região metropolitana, que passam algum tempo com seus “chegados”.

Entre os esporádicos, encontrei algumas crianças que vinham acompanhadas de seus pais, ou de seus amigos, mas que só frequentam a pista nos finais de semana ou feriados. Havia também algumas gurias/meninas/moças que praticam o *skate* na pista, mas sempre em menor número, e nem sempre se faziam presentes. Quando estão presentes, algumas acompanham os distintos grupos: jovens “Calças Coladas” e outras os “Calças Largas”.

No esforço de tentar descrever os diversos frequentadores da pista, remeto a definição de praticantes de *skate*, com o intuito de designar aqueles que têm em comum a prática do *skate*. É pela prática do *skate*, que eles se distinguem dos demais frequentadores da pista: espectadores e pessoas que vivem do *skate* (comerciantes).

CÓDIGOS SOCIAIS E A UTILIZAÇÃO DA PISTA



Os *skatistas* têm códigos sociais (BOURDIEU, 1983) e/ou regras sociais (MAGNANI, 2002; 2003) através das quais procuram se distinguir, se hierarquizar e se unir em diferentes grupos, em "uma determinada rede de relações sociais" (MAGNANI, 2003, p.115), de acordo com seus interesses específicos.

Um dos primeiros códigos sociais, o que observei, talvez por ser um dos mais explícitos, se referia a legitimidade, ou a autoridade que os praticantes mais velhos e/ou mais experientes tinham sobre os mais novos, menos experientes. Isso se deu na simples forma de indicar a execução de uma manobra, por uma dica, ou, na reivindicação de um espaço que o praticante mais experiente queira utilizar, mas que é ocupado por outros que 'apenas' brincam no espaço. Isso ocorria nos obstáculos mais difíceis da pista, como a Escada, e/ou o Corrimão.



FIGURA 1 – ESCADA E CORRIMÃO.
Acervo do próprio pesquisador.

A Escada e o Corrimão, pelo que pude observar, eram os obstáculos em que apenas praticantes com certa experiência ousam saltar. Possivelmente por ser a dupla de obstáculos mais perigosa da pista, a Escada e o Corrimão tinham eventos, ou competições, exclusivos. Mas pelo seu formato, que possibilita que praticantes sentassem nos seus degraus, ou no muro de arrimo, ou ainda, uma criança, ou jovem iniciante que apenas brinca de embalar seu *skate*



no entorno ou degraus do obstáculo, poderia ser também um empecilho a mais para algum praticante que estivesse prestes a realizar alguma manobra.

Entre tantos outros acontecimentos que observei na pista, aos poucos fui percebendo tais códigos sociais, que 'não estão escritos em nenhum livro', mas que parecem ser conhecidos e reconhecidos. Quando eles não são reconhecidos prontamente, algum praticante (recorrentemente os mais velhos, sobre os mais novos, os mais experientes sobre os menos experientes, os jovens sobre as crianças) evoca sua autoridade, que parece ser legítima no contexto da pista, quando reivindica o uso de um espaço, um obstáculo.

Por certo, pensar que todos os praticantes de *skate* assimilam homogeneamente, ou, submetam-se a tais códigos sociais sem questioná-los/subvertê-los, seria desconsiderar a diversidade que se fez presente na pista. Levando em conta os aspectos que observei na pista (códigos sociais, legitimidade, autoridade, [re]conhecimento e subversão), compreendo que a noção de jogo (BOURDIEU, 1983), que em parte, contribui para a compreensão e a descrição da complexa relação na pista.

Compreendo com isso, um dos aspectos simbólicos: o jogo na pista. Este jogo é jogado por pessoas e grupos, que comungam minimamente de alguns códigos sociais do *skate* na pista. Sujeitos e grupos que se engajam em uma disputa pelos significados do *skate* que era praticado na pista.

Havia um grupo hegemônico constituído na pista (“Calças Largas”), que procura manter seu *status* no jogo da pista, através de patrocínios e realização de eventos. Enquanto o outro grupo que procura ganhar espaço e reconhecimento (“Calças Coladas”) subvertem algumas lógicas dessa disputa, como: participação (ou, a não participação) em eventos, ou, “fazer o corre”⁵ (BASTOS, 2006). Os “Calças Coladas” fazem isso com o intuito de se manter no jogo, a fim de continuar no *skate* e na disputa dentro da pista. Isso acaba se tornando um dos aspectos de configuração do jogo da pista, onde o material e o simbólico eram comungados e disputados.

A significação da utilização da pista e as diversas implicações já descritas pelos códigos sociais acabam por transpor as limitações físicas deste espaço social, e passam a agir nas diferentes redes de relações, principalmente pela disputa dos códigos sociais a qual cada

⁵ "A disposição para o encaminhamento das atribuições individuais também é uma característica e diferenciadora. Os nativos chamam a essa característica 'fazer o corre'. Significa ser responsável e capaz de dar conta de seus próprios movimentos dentro do campo" (BASTOS, 2006, p.92).



grupo lança mão para justificar a adesão, ou, subversão de determinadas lógicas estabelecidas hegemonicamente.

Esses elementos do jogo eram regrados pelos códigos sociais presentes na pista de *skate*, e que acabam também, por influir significativamente na constituição dos distintos grupos, conseqüentemente, tal influência refletia-se em maior amplitude quando, levamos em consideração a rede de relações a qual cada praticante *skate* pertence, e suas relações com o 'outro'.

CÓDIGOS SOCIAIS E A SOCIABILIDADE COM O 'OUTRO'

Em nossos diálogos, em meio as brincadeiras que uns faziam sobre outros, foi quando os jovens autodefiniu o grupo como “Calças Coladas”. Fizeram isso a partir de um contraste com outro grupo: “Calças Largas”.

Paulo fala: é, mas só que tem os “Calças Largas”, eles sim torcem só para um. Para um deles, quando tem competição [evento], mas nós aqui não. A gente torce para todo mundo.

Eu fico intrigado com a expressão que o jovem usa “calça larga”, e o questiono:

Mestrando: Por que “calça larga”?

Paulo responde: é eles são os “Calças Largas” e nos os “Calças Coladas”. Tipo *emo*⁶.

Janderson, em tom de brincadeira, complementa: é, a gente é tipo *emo*, mas só que não chora, não anda todo colorido feito o *Restart* e gosta de *Rock*.

Anderson continua a explicação de seu amigo: é por isso, os “Calças Largas” não gostam de nós, porque nós gostamos de *Rock* e eles de *Rap*. A gente aqui torce por todo mundo, e eles torcem só para um. Eles têm um cara que tem que ser o melhor sempre. E, com isso, eles sempre tão nessa disputa para ver quem é melhor. Para eles, eles são os melhores, “melhores do mundo”, e nós não. Nós viemos mais para cá por causa da curtição, dos amigos, de estar aqui junto com a galera. E eles vêm sempre para andar, e para mostrar para os outros que eles são os melhores, mas a gente não tá muito preocupado com isso (DC.15/10/2011).

Os jovens “Calças Coladas” procuram esclarecer seus sinais de distinção em relação ao outro grupo (“Calças Largas”), a partir da definição de si mesmos como os “Calças Coladas”. Interpreto isso no primeiro momento, a partir da simples distinção que os mesmos fazem da relação entre suas roupas e os estilos musicais de cada grupo: *Rock* para os “Calças Coladas”, e *Rap* para os “Calças Largas”. Contudo, o sinal primário, e talvez mais evidente, eram as vestimentas, roupas largas ou coladas ao corpo, principalmente as calças.

⁶ Outro grupo de jovens urbanos assim como os skatistas, *punk's*, entre outros.



A participação na vida urbana, os deslocamentos impostos pelas atividades de trabalho e instrução, a busca de diversão para além dos limites do bairro, levam a um aumento de circulação dos jovens pelos variados espaços da cidade, intensificando bastante a sua exposição pública. A importância da roupa está intimamente vinculada a essa exposição, na medida em que dá visibilidade as identidades sociais (ABRAMO, 1994, p.69).

Outro ponto interessante é que os “Calças Coladas”, até certo ponto, se aproximam de outro estilo vigente no *skate*, além do “Calças Largas”, apontados na dissertação de Bastos (2006), mas não sob esta definição. No entanto, na descrição que o autor faz entre um e outro praticante, é possível perceber a caracterização de ambos os estilos:

O skatista identificado com este estilo usa roupas pretas, calças justas, cintos de couro, camisetas com mangas cortadas. Se parece com um *punk*, ou um cantor de *rock*. O *street skate* se caracteriza por estar como que fundido no estilo das competições (da maioria delas) [...]. O skatista do *street* está “em casa”. As músicas que mais tocam são o *rap*’s, a música do *street* por excelência [...]. Calças largas, com fundilhos quase até os joelhos, camisetas larguíssimas, bonés grandes e coloridos, correntes, penteados afro, essas são as vestes dos skatistas do *street* (BASTOS, 2006, p.69-70, destaques do próprio autor).

As calças acabam por conferir um lugar simbólico dentro da pista, e na formação dos diferentes grupos, um código social singular que se apresenta pela vestimenta, e se estende na sociabilidade da formação dos grupos. Por consequência na constituição das redes de relações entorno da prática do *skate*. Essas disputas, distinção que se iniciam pelas vestimentas, eram um ponto de rupturas entre os jovens, e se acentuam a partir do momento em que entram em discussão o *skate* praticado na pista, e outras práticas sociais.

Pais (1990) compreendeu que os jovens constroem suas próprias regras e códigos sociais, que permitem a inclusão, ou a exclusão de outros jovens a determinadas sociabilidades, e por consequência a determinados grupos. Esse pesquisador ainda constatou que as regras que excluíam os jovens de certas sociabilidades e dos grupos, eram até mais significantes para eles no estabelecimento de fronteiras, do que as regras que possibilitam a inclusão dos jovens aos grupos.

A participação em determinada rede de relações na pista de *skate*, acaba por conferir aos praticantes, sinais distintivos (BOURDIEU, 2009; OLIVEM, 1992), que são percebidos pelo 'outro' como um valor diferente do seu, possibilitando assim, a inclusão ou a exclusão destes jovens a uma determinada rede de relações. A significação dessa distinção dada pela adoção de calças justas, ou largas ao corpo, por certo acabam também se refletindo na relação com os 'outros', nem sempre de forma amistosa, ou tolerante. Recorrentemente eram



compreendidas pelos jovens "Calças Coladas" como mais um ponto de conflito, do que, uma possibilidade de convivência com o 'outro'.

Oliven (1992, p.127) neste momento de descrição e interpretação colabora na compreensão expondo: “que identidades são representações formuladas em oposição ou contraste a outras identidades, o que busca são justamente as diferenças”. Os “Calças Coladas” só podiam definir-se como tais, a partir do momento em que existem diferenças entre os significados do *skate* que estão em jogo com os “Calças Cargas”. A pesar de haver diversos outros grupos na pista, para os “Calças Coladas”, a noção de oposição só faz sentido em relação aos “Calças Largas”.

Os citados grupos ("Calças Largas" e "Calças Ladas") eram os mais preponderantes nos diálogos e nas observações, porém não rejeito em hipótese alguma a possibilidade de que houvesse inúmeros outros grupos, que tenham passado despercebidos. Contudo, eram esses os grupos que dão sentido a disputa, pelo menos, desde o momento em que passei a acompanhar os “Calças Coladas”.

O CONSUMO, E O NÃO CONSUMO DA MACONHA COMO CÓDIGO SOCIAL

Vale considerar o que os jovens “Calças Coladas” apontam como regra social que possibilita a inclusão ou a exclusão em sua rede de relações, além de ser elemento de identificação entre um grupo e outro, o consumo, ou não consumo de drogas (principalmente a maconha na pista). Apesar de os jovens “Calças Coladas” afirmarem que não consumiam drogas, em determinada ocasião um desses jovens caiu em contradição, quando o vi consumindo o entorpecente.

Com o tempo, pude perceber e compreender que o consumo de maconha, na pista, acaba sendo mais um 'facilitador' na sociabilidade entre os diferentes sujeitos que a frequentam, do que efetivamente um demarcador social na pista de *skate*. Os espectadores, até certo ponto, eram rechaçados, ou excluídos da sociabilidade que se constituiu pela prática do *skate*, mas alguns conseguiam acesso a sociabilidade na pista de *skate* pelo compartilhamento de cigarros de maconha, ou pelo empréstimo de isqueiros. Isso, recorrentemente, ocorria atrás do complexo de rampas, ou nas proximidades da escadaria, ponto de encontro dos “Calças Coladas”.

Ainda que em contradição, esses jovens não se sentiam ameaçados pelo consumo de drogas próximo a eles. No entanto, esse se tornou mais um elemento significativo para o



grupo, corroborando para a noção de pertença ao grupo, além de ser um código social caracterizado pelo afastamento da rede relações daqueles que faziam o uso da maconha, quando descobertos.

Ficou evidenciado que apesar de haver usuários do entorpecente nas proximidades dos locais de encontro do grupo, esses sequer faziam parte da rede de relações dos jovens "Calças Coladas", e se o faziam, ficam em um grau de distanciamento muito maior do que a distância física entre o grupo e os sujeitos possa sugerir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas descrições presentes ao longo desta pesquisa procurei compreender a forma pela qual os códigos sociais acabam por influir nas sociabilidades dos diversos sujeitos que frequentam a pista de *skate*, fossem espectadores; pessoas que vivem do *skate*; e principalmente seus praticantes. Neste último grupo categorizado procurei compreender a relação entre os praticantes esporádicos e os pertencentes a pista *skate*. Com tal sistematização foi possível configurar os distintos grupos que dão sentido, que comungam e disputam os códigos sociais presentes no contexto da pista de *skate*: os "Calças Coladas" e os "Calças Largas".

O contraste entre esses dois grupos evidencia-se primeiramente pelas vestimentas, cada qual com seus sinais distintivos expressados principalmente pelo uso das calças coladas ou largadas ao corpo. Ainda descrevi a necessidade de compreender que as disputas dos códigos sociais no que se referem a utilização da pista 'não estão escritos em nenhum livro', mas são legitimados, subvertidos e contestados quando o que se esta em jogo são os aspetos simbólicos dos *skate*. A forma como os distintos grupos acabam por significar sua permanência no *skate*. Tal significação acaba ditando de certa forma a relação com o 'outro' e por consequência a constituição das redes de relações de cada grupo.

Descrever a compreensão da constituição da rede de reações dada pela sociabilidade com os 'seus' e com os 'outros' levei em consideração que os códigos sociais são em verdade elementos que surgem da necessidade de distinção com o 'outro'. Com isso, considero pertinente a possibilidade de pensar que o uso e, o não uso de entorpecentes na pista (caso da maconha), deve ser compreendida como mais um código social que aproxima, ou, afasta sujeitos da rede de relações dos "Calças Coladas". Há de se considerar ainda, a possibilidade do consumo da maconha ser mais um elemento de aproximação entre estranhos a



sociabilidades em particular descritas nesta pesquisa, e que, nem sempre a proximidade física significa uma aproximação a rede de sociabilidades presentes no *skate*.

Por fim, considero relevante destacar que tal pesquisa contribui com a possibilidade de compreender um contexto social 'estranho' a partir da descrição dos códigos sociais presentes, a influência nas distintas formas de sociabilidades que possibilitam acesso ou restrição a determinada rede de relações.

SOCIABILITY, SOCIAL CODES AND THE RELATION NETWORK OF THE PRACTICE OF SKATEBOARDING IN PORTO ALEGRE/RS

ABSTRACT

This article presents the discussions about the meanings of the various social codes present in a skate park in the city of Porto Alegre/RS. The objective is to effort in trying to understand and describe such codes in sociability present in the context of the track, and the way in which social codes and sociability ended up weaving the network of relationships of groups. This was made possible by ethnographic research, the manner in which this researcher entered in a strange context in which was also estranged. For the categorization of the various subjects observed on the track, I could describe the spectators, people living skateboard, besides the skateboard practitioners. Social codes were also present in the use of the track spaces, and gave the contours of sociability involving the dispute with the "other". There were moments of closeness and breaks in the network of relationships, given for sociability with the "other", and consumption or no consumption of drugs, this is a significant social code in the constitution of the group's network of relations on track. Finally, I consider that this environment has become a good field to promote and discuss some issues in need of Physical Education with regard to the understanding of sociability that are not always friendly or homogeneous.

KEYWORDS: Sociability; Social Codes; Practice of Skateboarding.

SOCIABILIDAD, LOS CÓDIGOS SOCIALES Y LA RED DE RELACIONES DE LA PRÁCTICA DEL SKATE EN PORTO ALEGRE

RESUMEN

Este artículo presenta las discusiones acerca de los significados de los distintos códigos sociales presentes en una pista de skate en la ciudad de Porto Alegre/RS. El objetivo es el esfuerzo para tratar de entender y describir dichos códigos en la sociabilidad presente en el contexto de la pista, y la forma en que los códigos sociales y sociabilidad terminaron tejiendo la red de relaciones de los grupos. Esto fue posible gracias a la investigación etnográfica, la manera en que este investigador entró en un contexto extraño en el que también se había



alejado. Para la clasificación de los distintos sujetos observados en la pista, podría describir el espectadores, las personas que viven del skate, además de los practicantes de skate. Códigos sociales también estuvieron presentes en el uso de los espacios de la pista, y dieron una forma de sociabilidad que involucran la disputa con el "otro". Hubo momentos de cercanía y roturas en la red de relaciones, los datos para la sociabilidad con el "otro", y el consumo o no consumo de drogas, se trata de un código social importante en la constitución de la red de relaciones en la pista del grupo. Por último, considero que este ambiente se ha convertido en un buen terreno para promover y discutir algunos temas que necesitan Educación Física con respecto a la comprensión de sociabilidad que no siempre es amable u homogénea.

PALABRAS CLAVE: Sociabilidad; Códigos Sociales; Práctica del Skate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, H.W. *Cenas juvenis*. São Paulo, SP: Editora Página Aberta Ltda, 1994.
- BASTOS, B.G. *Estilo de vida e trajetórias sociais de skatista: da "vizinhança" ao "corre"*. 2006. 174p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humanos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- BOURDIEU, P. *O senso prático*. Tradução de Maria Ferreira; revisão da tradução. Odaci Luiz Coradini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro; Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- FOOTE-WHYTE, W. *Treinando a observação participante*. In: GUIMARÃES, A.Z. (org.). *Desvelando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. RJ, 1989.
- MAGNANI, J.G.C. *A rede de lazer*. In: MAGNANI, J.G.C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3 ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, p. 101-138, 2003
- MAGNANI, J.G.C. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.
- MAGNANI, J.G.C. *Etnografia como prática e experiência*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 5, n.32, p. 129-156, jul./dez., 2009.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

OLIVEN, R.G. *A aparte e o todo: a diversidade cultural do Brasil-nação* / R.G. Oliven. – Petrópolis: Vozes, 1992.

PAIS, J.M. *Lazeres e sociabilidades juvenis – um ensaio de análise etnográfica*. *Análise Social*, vol, 25 (108-109), (4º e 5º) 591-644, 1990.

ROCHA, A.L.C.; ECKERT, C. *Etnografia: saberes e práticas*. In: PINTO, C.R.J.; GUAZZELLI, C.B. (orgs.). *Ciências humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel (Orgs.). *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

WINKIN, Y. *Descer ao campo*. In: WINKIN, Y. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.